

A representação do movimento no português paulista

Verena Kewitz*

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar de que maneira o movimento pode ser organizado e representado no Português Paulista em corpora dos séculos XVIII a XX. Para tanto, analiso os padrões de combinação propostos por Talmy (2000b) e a representação dos pontos do percurso num deslocamento no espaço físico. A análise é qualitativa e quantitativa, e nesse caso, levei em conta as propriedades discursivas dos textos que compõem os *corpora*, à luz do modelo de Tradições Discursivas.

Palavras-chave: espaço, movimento, semanticização, Português Paulista, Linguística Cognitiva.

ABSTRACT: The aim of this article is to analyze how motion can be organized and represented in *Paulista* Portuguese (Portuguese spoken in São Paulo), in data taken from several genres of text from the 18th to the 20th centuries. I take into account the patterns proposed by Talmy (2000b), and the representation of path points in motion events. The analysis is qualitative and quantitative, taking into account the discursive properties of the texts in the corpora, based on the Discourse Traditions model.

Keywords: motion event, semanticization, discoursivization, Paulista Portuguese, Cognitive Linguistics.

Introdução

Vários estudos lingüísticos envolvendo a categoria cognitiva de ESPAÇO vêm sendo realizados sobre línguas como inglês, alemão, francês, espanhol etc. (Talmy 2000a,b, Slobin 1996, Dirven & Pütz 1996, García-Miguel 2006, entre outros). Sobre o português, destacam-se os trabalhos de Castilho (2005), Castilho et al. (2002),

* Universidade de São Paulo. E-mail: kewitz@usp.br

Batoréo (1998, 2006, 2008), Teixeira (1998), Kewitz (2007), entre outros. Ilari et al. (2008) apresentam uma análise minuciosa das preposições com base na Lingüística Cognitiva e em dados da variedade culta do Português Brasileiro (Projeto NURC). Grande parte desses estudos adota uma perspectiva semasiológica, ou seja, toma por base determinados itens lingüísticos para examinar sua rede de sentidos. O estudo de Pontes (1992) parte de uma análise onomasiológica do espaço e do tempo na língua portuguesa e revela que as preposições (e locuções) e os advérbios (e locuções) são as categorias espaço-temporais por excelência.

A presente pesquisa procurará ampliar os estudos sobre o Português, tomando como ponto de partida a abordagem onomasiológica, com base no uso da língua na variedade paulista. Para tanto, serão consideradas as expressões representativas de movimento em diferentes *corpora* dos séculos XVIII, XIX e XX. Este texto é um apanhado dos resultados obtidos na pesquisa de pós-doutoramento (Unicamp, FAPESP Proc. N.º 07/59707-5), inserida no *Projeto de História do Português Paulista*.

Na primeira parte, apresento alguns conceitos da categoria cognitiva de espaço. No item 2, trato da representação de movimento, começando pela discussão em torno da classificação proposta por Talmy (2000b). Na última parte desse mesmo item, analiso as tendências do Português Paulista quanto aos pontos do percurso. Por fim, no item 3 discorro sobre as propriedades discursivas dos textos que compõem os *corpora* utilizados e a sua relação com a representação do movimento.

1. A categoria cognitiva de espaço

A Lingüística Cognitiva¹, em geral, preocupa-se com questões que vão além da estrutura, sobretudo com temas referentes à capacidade mental do ser humano em descrever o mundo ao seu redor. A língua não espelha o que vemos, mas sim *como* vemos e *como* conceptualizamos o que vemos. A percepção diz respeito à interação entre aquele que percebe e o mundo percebido e depende de habilidades, experiências e estados cognitivos daquele que vê e percebe o que é visto (cf. Wenz 1996: 285). As expressões lingüísticas representativas da categoria de espaço nos dão pistas ou *insights* de como o mundo é percebido.

O espaço é tido como um componente cultural disponível aos falantes e que possibilita a criação de conceitos mais abstratos e a organização do

pensamento. Porém, o processo de organização mental é muito mais complexo de ser analisado, uma vez que o que temos em mãos são os produtos ou resultados desse processamento mental: as expressões lingüísticas nos seus mais variados contextos comunicativos, dentre elas as expressões que representam o espaço. Por outras palavras, a língua e sua descrição podem ser usadas como um instrumento para construir um mundo via categorização. Ao mesmo tempo, a língua dá acesso aos princípios que são a base dessa construção cognitiva: Wenz (op.cit.).

Mudanças na nossa concepção de mundo podem acarretar transformações em sistemas conceptuais já existentes: Blank (1999: 72). Uma vez que a língua faz parte desse sistema, pode haver transformações em sua estrutura também, seja ela fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical ou discursiva. O número de possibilidades de codificação espacial nas mais diversas línguas mostra como é difícil explicá-las por uma única teoria, pois envolve fatores intra e extralingüísticos. Em função disso, procurei analisar as expressões espaciais levando sempre em conta a caracterização sócio-discursivas dos textos que serviram de base para a coleta de dados.

O refinamento da análise se dá a partir do conceito de língua assumido aqui: trata-se da abordagem multissistêmica proposta por Castilho (2007, 2010), em que se postula a língua como um sistema complexo composto por produtos e processos². Dentre os processos aqui estudados, destacamos a semanticização e a discursivização, de que trato nos próximos itens.

2. Semanticização do evento de movimento

A semanticização pode ser definida como o processo de criação e mudança de sentidos. Numa perspectiva onomasiológica, examinei os dados a partir das seguintes questões: que estratégias de construção da cena espacial, mais especificamente do evento de movimento, são selecionadas?

Um evento é definido, segundo Talmy (2000b), como uma porção da realidade que foi delimitada ou recortada pela mente humana. Em suas palavras,

¹ Não há uma única Linguística Cognitiva, mas sim um conjunto de teorias cognitivas da linguagem. Para mais detalhes, v. Salomão (2006).

² Para mais detalhes dessa abordagem, v. Castilho (2007, 2010).

(...) the human mind in perception or conception can extend a boundary around a portion of what would otherwise be a continuum, whether of space, time, or other qualitative domain, and ascribe to the excerpted contents within the boundary the property of being a single unit entity. (Talmy, 2000b: 215).

Um evento de movimento básico consiste no deslocamento de um objeto (Figura) em relação a outro (Objeto/Ponto de Referência ou Fundo³). Esse evento pode ser analisado a partir dos seguintes componentes: além da Figura e do Ponto de Referência (doravante, PR), estão presentes o Movimento em si, o Percurso e um Co-evento. O elemento Percurso refere-se à trajetória seguida pela Figura em relação ao PR. O Co-evento, geralmente, relaciona-se às noções de Modo ou Causa do Movimento: Talmy (2000b: 25).

Com essas definições, o autor estabelece uma classificação para as línguas: *verb-framed* e *satellite-framed*. No primeiro grupo, inserem-se as línguas românicas, turco, japonês, basco etc. Segundo ele, essas línguas combinam no verbo as informações de movimento e percurso, ficando aos satélites (preposições e advérbios) a tarefa de expressar o modo (ou causa) do movimento, se ocorrer. A esse segundo grupo pertencem línguas como inglês, alemão, polonês, russo, chinês etc. Aqui, ao contrário, os verbos carregam a informação do modo do movimento e transferem aos satélites a idéia de percurso. Vejamos alguns exemplos (Talmy 2000b: 28):

- | | | | | |
|-----|---|------------|------------------------|------------|
| (1) | The rock | slid | down | the hill. |
| | A pedra | escorregou | abaixo/para baixo de | Wa colina. |
| | “A pedra escorregou colina abaixo” | | | |
| | | | | |
| (2) | The bottle | floated | into the | cave. |
| | A garrafa | flutuou | para dentro da | gruta. |
| | “A garrafa entrou na gruta (flutuando)” | | | |
| | | | | |
| (3) | The napkin | blew | off the table. | |
| | O guardanapo | soprou | da/para longe da mesa. | |
| | “O guardanapo caiu da mesa por causa do vento” ou | | | |
| | “O guardanapo voou da mesa por causa do vento” | | | |

³ Os termos *Figure* e *Ground* foram adotados da Psicologia Gestalt, mas Talmy deu a eles uma interpretação semântica distinta: “The Figure is a moving or conceptually movable entity whose path or site is at issue. The Ground is a reference frame, or a reference object stationary within a reference frame, with respect to which the Figure’s path, or site is characterized” (Talmy 2000b: 26).

Nos exemplos (1) e (2), os verbos *slide* e *float* contêm, ao mesmo tempo, as noções de movimento e o modo como esse movimento é realizado: a pedra move-se escorregando, e a garrafa, flutuando. No exemplo (3), estão embutidas no verbo *blow* as idéias de movimento e causa: o guardanapo voa da mesa por causa da ação do vento, ainda que este não esteja expresso. As línguas que apresentam esse padrão são chamadas *satellite-framed*.

Os exemplos (4) e (5) abaixo ilustram o padrão *verb-framed* proposto por Talmy (2000b: 49-51):

- | | | | | |
|-----|-----------------|-----------|-------------|------------|
| (4) | Esp. La botella | entró | a la cueva | flotando. |
| | A garrafa | entrou | na gruta | flutuando. |
| (5) | Esp. Metí | el barril | a la bodega | rodándolo. |
| | Coloquei | o barril | na adega | rodando-o. |

Nesses exemplos, a raiz do verbo expressa ao mesmo tempo o movimento e o percurso (ou caminho). Talmy (2003:49) afirma que as línguas românicas em geral pertencem a esse grupo. Nestes casos, se o modo ou a causa do movimento for expresso, será através de uma construção gerundiva ou adverbial, ao contrário do padrão *satellite-framed*, em que esse traço está na raiz do verbo.

Essa classificação gerou um grande número de trabalhos com críticas e propostas, defendendo que as línguas não se encaixam perfeitamente nessa divisão dupla de Talmy (cf. Zlatev & Yangklang 2004, Sampaio et al. 2008, entre outros). Slobin (2004) propõe, por exemplo, uma terceira possibilidade, que dê conta de línguas com séries verbais, verbos genéricos e verbos bipartitivos: *equipollently-framed*. Nessas línguas, o modo do movimento e o percurso são expressos em formas gramaticais equivalentes.

Outros autores ora comprovam essa divisão, ora apresentam maior detalhamento em relação às diferenças entre as línguas. Ibarrexe-Antuñano (2004, 2008) mostra que as línguas basca e espanhola, ambas rotuladas *verb-framed* por Talmy, diferem quanto à frequência de expressão do modo do movimento, ou seja, o basco traz mais frequentemente a informação sobre o modo do movimento que o espanhol. Além disso, segundo a autora, as informações de percurso são mais detalhadas em basco do que em espanhol. Em função disso, tem sido proposto um *continuum* de saliência do percurso (Ibarrexe-Antuñano 2004, 2008) e modo (Slobin 2004), em vez de inserir as línguas em categorias tipológicas.

Cifuentes Férez (2008) oferece um estudo bastante detalhado do modo de movimento e percurso com verbos ingleses e espanhóis. Ainda que seu *corpus* limite-se a dicionários, sua análise quantitativa e qualitativa leva em conta a possibilidade de ambas as línguas apresentarem os padrões *verb-framed* e *satellite-framed*.

Em relação ao português, destacam-se os estudos de Batoréo (2008, 2006) e Pires (2007), em que as autoras analisam verbos que combinam a informação do movimento e do Ponto de Referência, especificamente aqueles que expressam movimento em água (*AQUA*-motion, nos termos das autoras). Esses estudos restringem-se a dados do Português Europeu, faltando, portanto, a análise para o Português Brasileiro. A presente pesquisa procurará preencher essa lacuna, ainda que de forma resumida.

Se voltarmos aos exemplos (1) a (5) expostos acima, veremos que o português admite ambos os padrões:

- (1a) A pedra escorregou colina abaixo [SATELLITE-FRAMED]
- (2a) A garrafa flutuou para dentro da gruta. [SATELLITE-FRAMED]
- (3a) O guardanapo soprou da mesa (com o vento). [SATELLITE-FRAMED]
- (4a) A garrafa entrou na gruta flutuando. [VERB-FRAMED]
- (5a) Coloquei o barril na adega girando-o. [VERB-FRAMED]
- (5b) Rolei o barril para dentro da adega. [SATELLITE-FRAMED]

Em função dessas possibilidades, é mais conveniente falar em **tendências**, em vez de uma classificação dicotômica. Lembremos também os verbos *enter* e *exit* do inglês: Talmy (2000b: 53) os exclui de sua classificação, por serem de origem latina e pouco usados em conversas espontâneas. Entretanto, são verbos correntes na língua escrita e diferem de *entrar* e *sair* quanto à estrutura. Em inglês, esses verbos não admitem nenhuma preposição:

- (6) He entered the house.
“Ele entrou na casa”.
- (7) She exited the theatre.
“Ela saiu do teatro”.

2.1 Padrões de representação do movimento no Português Paulista

Os exemplos (6) e (7) acima nos levam a questionar de que forma o português pode construir expressões de movimento com os verbos *entrar* e *sair*. Abaixo, apresento alguns exemplos⁴:

- (8) [AI 1736 C19] Eu griteilhe eoPadre **entrou aSella** [a]buscar hu' faconete sem ponta, ...
- (9) [M1 1734] Deste ponto fomos dormir distância de léguas junto a um córrego, que **entra** como os mais **no Rio Grande**.
- (10) [M11 1918] ... a segunda parte [das terras] começando no rio de S.Vicente até doze léguas ao sul de Cananéia; nessas divisas indicadas deveriam ser postos padrões, com as armas reais, e deles correriam linhas diretas **entrando para oeste pelo sertão adentro e terra firme**, ...
- (11) [AI 1804 C28] e enca-rregando igualmente amesma deligencia a João de Campos e a Manuel Vás, aquelle para **entrar pelos Batataes athe alagôa Rica**, aeste descendo pelas margens do Rio Pardo the a Sua Barra.
- (12) [Seb 1785 C22] edis o dito picador que achou boa Saida para aSerra, elogio que sairaõ osditos meus picadores fis aviZo ao dito Capitam mor para ele **entrar delá** ComoCaminho
- (13) [AI 1736 C19] ...agora mediSse hua India, que o Capitam da aldeia tinha ordem do Senhor Joseph para vegiar as Indias, que **entraSsem dentro desta Casa** a levar alguã couza, compena de Serem a Soutadas
- (14) [M5 1788] Maio 13 - **Saí de São Paulo** e cheguei à Vila e Praça de Santos, fundada na margem meridional de uma espaçosa e limpa baía,
- (15) [WL 1914 C16] E' coisa facil, com mais umas trez lições, eu o [chauffeur] dispensarei. Amanhá vou **sahir na estrada**.
- (16) [M3-7 1797] Acontece neste rio o mesmo que se vê no Pará: As águas do Amazonas **vão sair ao mar entre o cabo do Norte e a ilha de Joanes**. Para **sair-se ao Amazonas partindo da cidade do Pará**, é necessário atravessar o rio Mojú, Capim e Tocantins ...
- (17) [Seb 1721 C02] Oófisial olandes que veio aterra, prometeume des**sahir fora deste porto para odeSanctos** aosvinte enove deste mes.

⁴ As siglas dos exemplos correspondem a: AI = *Cartas de Aldeamentos de Índios* (Simões & Kewitz 2006a); WL = *Correspondência Passiva de Washington Luiz* (inédito); Seb = *Cartas de Militares e Capitão-Mor de São Sebastião* (Simões 2007); M = *Memórias* (v. bibliografia).

Esses exemplos demonstram diversas possibilidades de combinação dos verbos *entrar* e *sair* encontrados em *corpora* dos séculos XVIII a XX. Quero chamar a atenção, no entanto, para a questão do redobramento do traço percurso com esses verbos. Nos exemplos (9) e (15), temos os verbos *entrar* e *sair*, respectivamente, seguidos da preposição *em*, e os exemplos (13) e (17) apresentam esses verbos combinados com as expressões *dentro de* e *fora de*, respectivamente. O esquema abaixo evidencia o redobramento do traço de percurso:

(a) entrar	em
MOVER-SE PARA DENTRO	DENTRO
(b) entrar	dentro de
MOVER-SE PARA DENTRO	DENTRO
(c) sair	fora de
MOVER-SE PARA FORA	FORA

Em (a), observa-se o redobro da noção “no interior de, dentro” na raiz do verbo (*entrar*) e na preposição *em*. O mesmo ocorre em (b), com a confluência desse traço no verbo e na preposição complexa *dentro de*. Com o verbo *sair*, o redobro só ocorre mediante a combinação com a preposição complexa *fora de*. Essas ocorrências não são estranhas ao falante de português (ainda que o redobro em *entrar + dentro* e *sair fora* seja estigmatizado), visto que preposições redobram o que já se vê nos prefixos, como em *concordar com*, *comparar com* etc. Moraes de Castilho (2004, 2005) constatou vários elementos redobrados, tais como clíticos, locativos, partículas negativas etc. no português medieval. No português atual, encontramos ocorrências do tipo *eu te disse pra você*, *desce lá embaixo*, *estou aqui em São Paulo*, *eu não sei não*, etc.

Com base na abordagem multissistêmica (Castilho 2007, 2010), hipotetizei que as razões para o percurso redobrado se devem a diversos fatores, alguns dos quais elenco a seguir: (i) desativação do sentido de base desses verbos, levando à ativação de outros elementos (como as preposições complexas) para expressar o percurso do movimento; (ii) reativação dos elementos que redobram o percurso com a função discursiva de ênfase; (iii) ativação de propriedades prosódicas, sobretudo com a presença de dêiticos, como em *sobe lá em cima*, *sai lá fora*, *entra aqui dentro* etc. Ressalta-se que esses princípios ocorrem simultaneamente, sem hierarquias (cf. Castilho 2007, 2010).

Evidências como essas nos permitem afirmar que o redobramento implicaria numa outra classificação do português em relação ao padrão de lexicalização do percurso, ou seja, ele se apresenta no verbo e nas preposições⁵ (ou satélites, termos de Talmy).

Além disso, há diversos verbos que combinam as propriedades semânticas de movimento e o modo como esse movimento é realizado, como *andar*, *rodar*, *caminhar*, *correr*, *desembarcar* etc. Alguns exemplos para ilustrar:

- (18) [M2 1738] Saídos deste mato passamos 7 campinas com belos pastos, distância de légua e meia, e no fim delas o rio das Canoas que costuma ser o desembarque dos que **rodam de Curitiba pelo rio grande abaixo**.
- (19) [M1 1734] **Caminhamos rio abaixo** e depois d'alguns dias nos quebrou a outra Canoa.
- (20) [M9 1900] Quando pela primeira vez **desembarquei em Folkstone**, entrando na Inglaterra, eu tinha passado meses em Paris...

Talmy (2000b) elenca, além dos dois padrões de combinação descritos acima, outros menos frequentes, mas que não configuram o padrão central de nenhuma língua, segundo ele. Vejamos:

- (a) **MOVIMENTO + CO-EVENTO** (Modo, Causa etc.): confluência do movimento com o modo ou a causa desse movimento: *flutuar*, *andar*, *correr* etc.
- (b) **MOVIMENTO + PERCURSO**: combinação do movimento e de seu percurso no verbo: *entrar*, *sair*, *subir*, *descer*, *ir*, *voltar* etc.
- (c) **MOVIMENTO + FIGURA**: confluência do movimento com alguma parte da Figura: *chutar* (movimento feito pelos pés da Figura); *cuspir*, *acotovelar*, *cabecear*, *manusear* etc.
- (d) **MOVIMENTO + PONTO DE REFERÊNCIA (PR)**: confluência do movimento com alguma parte do PR. O autor afirma que essa combinação não corresponde ao padrão central de nenhuma língua, e os exemplos são raros: (ingl.) *enhouse*, *dehouse*, *emplane*, *deplane*, cujas bases são respectivamente *house* e *plane* (op. cit., 2000b: 60-61).

⁵ Em Kewitz (2010), denominei esse padrão *double path* ou *percurso redobrado*.

(e) **MOVIMENTO + 2 OU MAIS COMPONENTES SEMÂNTICOS**: assim como (c) e (d), esse padrão não forma o sistema principal de lexicalização do movimento, segundo o autor.

Depreende-se que a pergunta principal de Talmy (2000b) é saber se todas essas possibilidades configurariam o **padrão central** de uma dada língua, ou seja, ainda que ela apresente outras possibilidades, sua base será ou (a) ou (b), *satellite-framed* ou *verb-framed*, respectivamente.

Cifuentes Férez (2008) apresenta uma classificação bastante interessante para verbos do inglês e do espanhol. A autora insere em (d) acima verbos que Talmy colocaria em (e), tais como *costear* (navegar pela costa), *voar* (mover-se pelo ar), *bordear* (mover-se pela borda), *abeirar* (mover-se pela beira)⁶ etc. Por ser uma classificação mais refinada e aplicada a dados do espanhol, optei por basear minha análise na classificação de Cifuentes Férez. Para (e), a autora apresenta as seguintes possibilidades:

(e1) MOVIMENTO + PERCURSO + MODO: *escapar, fugir, invadir, trepar* etc.

(e2) MOVIMENTO + PERCURSO + PR: *embarcar, desembarcar, naufragar, imigrar, vadear* etc.

(e3) MOVIMENTO + MODO + PR: *nadar, mergulhar, revoar* etc.

(e4) MOVIMENTO + FIGURA + MODO: *pisar, pisotear, espernear* etc.

(e5) MOVIMENTO + FIGURA + CO-MOVIMENTO: *acompanhar, guiar, escoltar*.

Os padrões elencados em (a)-(e) e (e1)-(e5) distribuem-se de maneira não uniforme nas línguas, e o mesmo vale para o português. Em dados coletados de memórias e de cartas diversas nos séculos XVIII a XX, pode-se perceber a riqueza e a complexidade presentes nas expressões linguísticas. Na tabela 1 abaixo, apresento alguns resultados quantitativos de dados coletados em 4000 palavras a cada 50 anos de século em cada tipo de texto. Os exemplos para cada categoria são apresentados logo após a tabela.

⁶ Exemplos adaptados para o português.

Tabela 1: Distribuição dos padrões de representação do movimento por tipo de documento e século⁷

	XVIII		XIX		XX		total
	Memórias	Cartas	Memórias	Cartas	Memórias	Cartas	
M	2	0	1	0	0	0	3
M + P	103	43	35	27	19	17	244
M + Mo	32	2	10	2	3	2	51
M + PR	2	0	0	0	1	0	3
M + P + PR	9	2	2	0	2	1	16
M + P + Mo	10	5	5	0	0	1	21
M + Mo + PR	1	0	0	2	0	0	3
M + PD	0	1	0	0	0	1	2
Outras	3	11	2	2	2	0	20
total	162	64	57	31	27	22	363

Legenda:

M = Movimento

P = Percurso

Mo = Modo do Movimento

PR = Ponto de Referência

PD = Percurso redobrado

Os resultados da tabela 1 acima precisam ser analisados com algumas ressalvas: (i) o recorte privilegiou um número limitado de dados (em 4000 palavras); (ii) a tipologia textual, aqui apresentada amalgamada, revela traços distintos de um século a outro, a exemplo das memórias e diários de viagem e dos tipos de cartas ao longo dos séculos; (iii) a dificuldade em separar quando um verbo *codifica* e quando *implica* certos traços semânticos, como os relacionados na tabela; e (iv) a interpretação que se dá aos dados baseia-se em nosso conhecimento de leitores contemporâneos. Dito isso, pode-se depreender que o padrão MOVIMENTO + PERCURSO é mais frequente, com 244 dados nos três séculos. No entanto, a presença de ocorrências de dados das demais combinações não permite classificar o português como uma língua exclusivamente *verb-framed*. Apresento abaixo alguns exemplos encontrados nos *corpora*:

MOVIMENTO

- (21) 17 – Tendo andado 3 léguas, deixamos a boca do rio Urubuçarará, e no fim de 5 mudamos para o rumo de SSO e vimos muito ao longe

⁷ Números absolutos de dados.

a outra margem do Amazonas. [Diário de Viagem, 2.^a metade do XVIII]

MOVIMENTO + PERCURSO

- (22) Resolvi não voltar mais para o Guarujá. [Corresp. Passiva Washington Luiz, 1900, Carta 10]

MOVIMENTO + MODO

- (23) Uma das primeiras vítimas veio a ser o próprio e infeliz chefe, falecido à margem do rio Negro. Afinal, arrastando-se penosamente, conseguiu atingir a povoação de Miranda a 396 quilômetros para o Sul. [Memória, Taunay, 1867]

MOVIMENTO + PONTO DE REFERÊNCIA

- (24) Setembro 16 - Pela uma hora da noite, deixando o rio Tapajós, seguimos viagem costeando a margem setentrional da grande ilha Paricatuba, ... [Diário de Viagem, 2.^a metade do XVIII]

MOVIMENTO + PERCURSO + PONTO DE REFERÊNCIA

- (25) onde se concentram todos os recursos do Brasil, como ainda por causa das inundações do rio Paraguai, que, cortando na parte superior do curso terras baixas e planas, transborda anualmente, a submergir então regiões extensíssimas. [Memória, Taunay, 1867]

MOVIMENTO + PERCURSO + MODO

- (26) ConSsigo poCo fruto aSSim por alguñs fugirem deSSua aldeia; [Cartas de Aldeamento de Índios, 1722, Carta 03]

MOVIMENTO + MODO + PONTO DE REFERÊNCIA

- (27) Tal injunção, no ponto a que chegáramos, impunha como forçado corolário obrigar-nos a descer em direção ao rio coxim e a contornar em seguida a serra de Maracaju, [Memória, Taunay, 1867]

MOVIMENTO + PERCURSO REDOBRADO

- (28) Como tão bem ordenão oque seade fazer aos que sai fora ganhar. [Cartas de Aldeamento de Índios, 1783, Carta 22]

OUTRAS COMBINAÇÕES

Aqui inserem-se exemplos de combinação entre MOVIMENTO e FIGURA, entre outros elementos, no verbo:

- (29) Uma terceira se dirigia até Franca seguindo o curso do famoso Caminhos dos Guaiases, que conduzia às minas de Goiás após atravessar o Triângulo Mineiro. [Memória, 2.^a metade do XX, Terra Paulista]

Cada uma dessas combinações mereceria um refinamento na análise, sobretudo quando lidamos com dados de sincronias passadas. Nesse caso, a diversidade de tipologia textual será de primordial relevância, uma vez que cada tipo de texto faz surgir determinadas estruturas atreladas aos objetivos comunicativos específicos desse texto. Trato desse aspecto no item 3 no que concerne às mudanças de tradições discursivas das memórias e das cartas.

2.2 Pontos do Percurso no Português Paulista

Nesta seção, analiso estruturas que representam o deslocamento no espaço físico, tendo sido completado ou não. Nesta etapa da pesquisa, decidi-se selecionar dados em 1000 palavras de cada tipo de texto, para cada 50 anos dos séculos XVIII a XX. Esse recorte foi necessário em função dos seguintes fatores: (a) não há equilíbrio em relação aos corpora, visto que, por exemplo não há inquéritos orais ou jornais no século XVIII, (b) dentro do mesmo gênero (memórias, por ex.), constata-se mudanças de tradições discursivas, (c) vários corpora encontram-se ainda em fase de coleta e/ou edição.

Alguns autores afirmam que há uma tendência à codificação do ponto final do percurso em detrimento dos demais (inicial e medial). Esse fenômeno tem sido descrito em termos de *windowing of attention* e *gapping*. Talmy (2000a). Trata-se da seleção de uma determinada parte do evento, direcionando a ela maior atenção (*foregrounding*), deixando outras partes em segundo plano (*backgrounding*). Na língua, a atenção é realizada pela inclusão de expressões linguísticas colocadas em relevo, e as partes em segundo plano correspondem às expressões excluídas. Ainda que apenas uma determinada parte da cena ou evento seja colocada em relevo pelo falante, o processo cognitivo da atenção possibilita que o ouvinte *infira* ou *presuponha* o restante da cena, aquilo que está em segundo plano.

Talmy (2000a) propõe que os eventos de movimento incluem necessariamente uma Figura, um Objeto de Referência, o movimento em si e o percurso a ser traçado pela Figura, conforme exposto na seção anterior. Porém, esses quatro elementos não precisam estar presentes, ou seja, podem ou não estar codificados. Para ilustrar como um percurso pode ser descrito em função da atenção, vejamos os seguintes exemplos:

- (30) A caixa que estava no porão de carga caiu do avião pelo ar para dentro do oceano.⁸
- (31) A caixa que estava no porão de carga caiu no oceano.
- (32) A caixa caiu do avião.
- (33) A caixa caiu.

Nos quatro exemplos, a cena é a mesma. Porém, cada descrição privilegia uma porção desse evento: em (30), a atenção volta-se a todos os pontos do percurso, ao passo que em (31), apenas o ponto de chegada da Figura, e em (32) seu ponto de partida. Em (33), apenas a idéia de movimento é expressa, ficando o restante omitido, podendo ser inferido pelo contexto e pelo conhecimento de mundo, isto é, pela noção que temos da força da gravidade.

O processo de relevo ou omissão da atenção que atua nos eventos é parte fundamental da estruturação conceitual no sistema cognitivo humano de comunicação (Talmy 2000a). Os dois processos são complementares e necessários, pois a omissão de elementos dá lugar à atenção sobre outros elementos, sejam quais forem suas motivações: redundância, repetição, menor relevância, obviedade – todos podem ser preenchidos pelo ouvinte (cf. Talmy 2005).

Stefanowitsch & Rohde (2004) investigam as motivações por trás da distribuição da atenção em dados do inglês (coletados em *corpora* de notícias americanas), a partir de duas hipóteses:

- (a) *hipótese da saliência (psicológica)*: proposta por Verspoor, Dirven & Radden (1999, apud Stefanowitsch & Rohde 2004: 251), baseia-se na tendência natural do ser humano em relação a metas, objetivos, pois toda ação humana envolve volição, tendendo, portanto à meta da ação, mais do que sua fonte.

⁸ Adaptado de Talmy (2000a: 266): “The crate that was in the aircraft’s cargo bay fell out of the plane through the air into the ocean”.

(b) *hipótese da conceptualização completa*: proposta por Ungerer & Schmidt (1996, apud Stefanowitsch & Rohde 2004: 252), refere-se à conceptualização do percurso como um todo. A codificação do ponto final possibilita recuperar informações de todo o percurso, ao passo que os demais pontos não. Por outras palavras, se sabemos qual é o ponto de chegada, podemos inferir sobre os demais pontos da trajetória.

Para verificar essas hipóteses, Stefanowitsch & Rohde (2004) classificam os dados em quatro grupos⁹ em função do tipo de verbo, animacidade da Figura, presença ou ausência de sintagmas preposicionados, direcionalidade inerente em determinados verbos, dentre outros fatores. As duas hipóteses puderam ser confirmadas, não como regra absoluta, mas como tendência. Há casos em que o ponto final do percurso não é codificado, mas inferido, ora pelo contexto, ora pelo conhecimento de mundo (ex.: *He fell from the roof*: sabe-se que o ponto final é o chão pelo conhecimento que temos da força da gravidade). Além disso, há verbos que não exigem a marcação do ponto final, tais como *escape* (SP-fonte) ou *stroll*¹⁰ (SP-ponto medial). Se a conceptualização do deslocamento não inclui a codificação de um ponto final é porque simplesmente não é necessário (ou porque é inferido, conforme explicitado acima). Segundo os autores, eventos são o resultado da segmentação cognitiva de um processo contínuo que constitui nossa realidade. A tendência à marcação do ponto final é mais uma questão de prototipicidade, sem invalidar as afirmações contidas nas hipóteses descritas acima, isto é, que o ser humano tende a marcar o ponto final do percurso por estar mais interessado no objetivo da ação etc. (cf. Stefanowitsch & Rohde 2004: 265).

Relações entre estrutura conceptual e linguística são complexas, multidimensionais e, portanto, passíveis de motivações diversas: Castilho (2007, 2010), Stefanowitsch & Rohde (2004).

Nesta pesquisa, os pontos do percurso considerados forma: inicial, medial e final, além da categoria vazia e de combinações (inicial + final, inicial + medial, medial + final etc.) A tabela abaixo mostra o percentual geral dos pontos do percurso dos séculos XVIII, XIX e XX.

⁹ Por questões de espaço, não apresento aqui essa classificação e a forma como os autores chegaram aos resultados.

¹⁰ *Stroll* = Caminhar lentamente de forma relaxada, geralmente por prazer.

Tabela 2: Distribuição dos pontos do percurso (séculos XVIII-XX)

	INICIAL	MEDIAL	FINAL	Ø	COMBINAÇÕES	TOTAL
N.	45	46	170	72	48	381
%	11,81%	12,07%	44,62%	18,90%	12,60%	100%

Esses resultados se assemelham aos encontrados por Stefanowitsch & Rohde (2004) em relação à tendência de codificação do ponto final do percurso. Porém, resalto que nessa tabela estão os dados de língua escrita (comum aos três séculos) e de língua falada (apenas século XX). Por exemplo, do número de casos de categoria vazia, 35 são de textos escritos, e 37 advêm dos inquéritos orais. Vejamos como se distribuem esses dados em cada século e tipo de texto.

Tabela 3: Distribuição dos pontos do percurso por tipologia textual no século XVIII¹¹

	Inicial	Medial	Final	Ø	combinações	total
<i>Cartas oficiais</i>	7	0	18	3	0	28
<i>Cartas de Administração Privada</i>	6	2	11	5	0	24
<i>Memórias e Diários de Viagem</i>	10	11	22	11	14	68
total	23	13	51	19	14	120

A tabela acima mostra que o ponto final do percurso é o mais frequente nos textos do século XVIII, seguido do ponto inicial. Os demais pontos distribuem-se praticamente de forma equilibrada, considerando o total de dados para esse século. A categoria vazia representa, geralmente, o ponto final, que pode ser recuperado pelo contexto. Exemplo:

(34) Eoutro Ssim por que hay huãs profeçias de Como *vossaexelencia* naõ hade hir a Cujaba

SenoSso *Senbor* ouvir osRogos dospeccadores aSsim mesmo hadeSer por *que* me parece naõ ha' quem Sedescuide Com esta deligençia inda que Seria

¹¹ Os dados das tabelas 3 a 5 são em número absoluto.

Com **mu**ito dispendio de **vossa** ~~ex~~celência Seadita profecia sahir Certo eu Sobre todos devo Ser o mais Contante por ficar
Soçegado mas **Suponho indo vossa** ~~ex~~celência Sempre ficarei aSombra dos Criados de **vossa** ~~ex~~celência (Carta de Administração Privada, *Aldeamento de Índios*, Carta 11, 1726: Simões & Kewitz (2006a), meus grifos)

O trecho em negrito mostra a ausência do ponto final do (suposto) percurso de **vossa** ~~ex~~celência. Mas é inferido a partir do que foi expresso antes: *Cuiabá*, no trecho sublinhado. De maneira geral, dados como esses são bastante recorrentes nos três séculos e em todos os tipos de texto.

Ao observarmos o resultado para cada tipo de texto, vemos algumas diferenças que merecem atenção. As descrições espaciais encontradas nas memórias e diários de viagem do século XVIII são riquíssimas e detalhadas. Isso se dá em função dos objetivos desses textos, sobretudo no XVIII: explorar, conhecer e descrever lugares no Brasil, em busca de ouro e outras riquezas, índios etc. Essa missão devia ser reportada a um superior na corte portuguesa durante a colônia. Alguns exemplos:

- (35) – Mas antes de passar adiante darei uma breve relação da origem e situação de Vila Bela, de onde parti neste dia para a do Cuiabá pelo caminho de terra, e dos rios que banham os seus territórios, das suas produções, etc. (Francisco José Lacerda e Almeida: *Diário de Vila Bela até a Cidade de São Paulo pela derrota ordinária dos rios* 1788-1790)
- (36) **Passado o rio Theaté fomos pousar neste dia junto ao mato do Jundiaí, quatro léguas distante da Cidade de São Paulo;** (José Peixoto da Silva Braga: *Notícia - 1ª Prática*
– Que a da ao P. Me de Diogo Soares o Alferes José Peixoto da Silva Braga, do que passou na Primeira Bandeira, que entrou ao descobrimento das Minas do Guayases até sair na Cidade do Belém do Grão-Pará. 1734)

As cartas de administração pública e privada apresentam menos descrições espaciais como as encontradas nas memórias e diários. Além disso, são menos complexas, considerando a ausência de combinações e a baixa frequência dos pontos inicial e medial do percurso em relação ao ponto final. Observações como essas podem estar associadas ao objetivo das cartas: relatar algum fato ou a situação local de maneira breve com vistas a que seu superior tome as devidas providências. Exemplo:

- (37) OS[*oplicante*] Padre João Barboza de SumCam Sendo Naturar Na freguezia de javari PaSou Acazade Naoscal da companhia torio verde onde Tem de Sua Molber dois filhos edeixando a[ela?] jasfilhos **vortou Para Asua patria freguzia dejauari** onde Rezidio Alguos Annos (Carta Oficial, *Militares Comandantes – Capitão Mór de Bragança, Atibaia e Nazaré*, Carta 6, 1797: Simões 2007)

Algumas cartas de administração privada (do conjunto *Aldeamento de Índios*) relatam, às vezes, o deslocamento do habitantes das aldeias detalhadamente, sobretudo quando o episódio refere-se à fuga de índios. Essas cartas vêm geralmente com reclamações de quem escreve, diferentemente das memórias e diários. Exemplos:

- (38) concervava o Suplicante para oreferido, hú rapas de Nome Francisco, o qual induzido por Francisco de Figueiró ta-verneiro desta Cidade, **fugio do Suplicante edezertou aAldea** (Carta de Administração Privada, *Aldeamento de Índios*, Carta 23, 1788: Simões & Kewitz 2006b)

Os documentos do século XIX distribuem-se entre textos extraídos de jornais, cartas oficiais e pessoais e memórias históricas. Vejamos os resultados:

Tabela 4: Distribuição dos pontos do percurso por tipologia textual no século XIX

	Inicial	Medial	Final	Ø	combinações	total
<i>Cartas oficiais</i>	1	0	4	2	0	7
<i>Cartas de leitores de jornais</i>	2	8	9	2	1	22
<i>Anúncios de jornais</i>	3	1	19	0	2	25
<i>Cartas pessoais</i>	1	4	15	7	1	28
<i>Memórias</i>	3	7	6	0	10	26
total	10	20	53	11	14	108

Novamente, os dados que codificam o ponto final do percurso apresentam-se em maior número, seguidos do ponto medial. As memórias equilibram a representação dos pontos medial e final, mas o número de combinações

entre pontos é maior, ao contrário do que se observa para o século XVIII. Alguns exemplos:

- (39) Também vi alguns pedaços de porfido verde, cu_jo jazigo ignoro, eoutros de opal commum muito semelhante ade_Telka[b]onia na Hungria, penetrada toda de calcedonia branca, *queme* disse o Administrador achar-se em beta **atravessando o gra_nito**. (Memória de José Bonifácio, 1820: Simões 2007) [PONTO MEDIAL]
- (40) Assim, pois, estava a expedição condenada a **atravessar extensíssima região** empestada pelas febres palustres. (Memória histórica, Visconde de Taunay, 1867: Simões 2007) [PONTO MEDIAL]
- (41) Assim se adiantou em direção ao noroeste, até as margens do Paranaíba, quando ali recebeu peremptórias ordens do governo, levando-lhe instruções formais de **marchar para o distrito de Miranda**, então ocupado pelo inimigo. (Memória histórica, Visconde de Taunay, 1867: Simões 2007) [PONTO FINAL]
- (42) Consistia o plano de ataque mais natural em **subir as águas do Paraguai, do lado da Argentina, até o coração da república inimiga e, do Brasil, descê-las a partir de Cuiabá**, a capital mato-grossense que os paraguaios não haviam ocupado. (Memória histórica, Visconde de Taunay, 1867: Simões 2007) [COMBINAÇÃO]

Os poucos dados nas memórias do XIX, comparando-se aos dados do XVIII, devem-se à tarefa comunicativa dos dois textos selecionados para este período. O da primeira metade do XIX foi escrito por José Bonifácio a respeito da fábrica de ferro Ipanema em Sorocaba, em que ele descreve o trabalho de extração e a qualidade do minério, o que propicia o uso de descrições, mais que narrativas. O texto da segunda metade refere-se à formação de um corpo de exército destinado a atuar na Guerra do Paraguai, escrito por Visconde de Taunay. Ambas as memórias apresentam um núcleo temático bem distinto daquele presente nos textos do XVIII. Além disso, têm um caráter mais informativo e histórico, sem que necessariamente fossem destinadas a um superior dando contas de sua missão.

As cartas pessoais apresentam alta frequência de categoria vazia, da qual apenas um caso refere-se ao ponto inicial (exemplo 43); o ponto final é inferido nos demais casos (exemplo 44):

- (43) Tenho plena certeza que si aqui ficassemos um anno sem **sahir**, nossas finanças melhorariam mui-to e muito; infelicamente porem, por mais *que* faça nada consigo nesse sentido. (Carta particular a Washington Luiz, 1900, carta 16: Simões & Kewitz 2006a)
- (44) Estamos aqui desde o dia 31 do *proximo passado* eu Elisa Zé e, Tonica, da'hi a tres dias **chegou** Chiquinho com familia a qual ainda aqui está, elle seguio para *São* Paulo antes de hontem, e esperamos com Joaô depois de amanha, quarta feira, e anciosa espero a dele 20, afim de abraçar a voces, o Alvaro tambem **pretende vir** nesse dia. (Carta da sogra a Washington Luiz, 1900, Carta 19: Simões & Kewitz 2006a)

Os anúncios de jornais do XIX tinham como objetivo divulgar produtos, serviços e fuga de escravos. Ao contrário das cartas pessoais, aqui a categoria vazia não aparece, uma vez que o local onde tais produtos e serviços eram encontrados deveria ser descrito com precisão. Nesse caso, a marcação do ponto final do percurso se faz necessária, comprovando a “hipótese da saliência” de Verspoor, Dirven & Radden (1999, apud Stefanowitsch & Rohde 2004: 251), que destaca a tendência natural do ser humano a expressar metas / objetivos. Exemplo:

- (45) VENDA DE UM SITIO E ESCRAVOS EM CAPIRARY Vende-se o sitiodenominado - Santa Anna, no municipio de São João de Capivary, distante legua e meia da cidade e junto ao **caminho que vao para a villa de Santa Barbara**, com cento e tantos alqueires de terra, cafezaes novos e velhos, casa de morada e outras bemfeitorias e mais cinco escravos, tres homens e duas mulheres, do serviço da roça Trata-se com o advogado *doutor* A. Gordo naquella cidade. (Anúncio do jornal *Gazeta de Piracicaba*, 1883: Guedes & Berlinck 2000)

As cartas de leitores de jornais do XIX apresentam certo equilíbrio no número de dados dos pontos medial e final do percurso (8 e 9, respectivamente). A tarefa comunicativa desse tipo de documento centrava-se em reclamar de problemas da cidade e de pessoas, criticar políticos, exigir providências para melhorias das ruas etc. São textos carregados de exageros, metáforas e

¹² Para mais detalhes sobre as Tradições Discursivas das cartas de leitores de jornais do século XIX, v. Castilho da Costa (em preparação).

exaltações. As narrativas ocorrem geralmente como efeito de argumentação¹². Exemplo:

- (46) *Senhores* Redactores. Não posso deixar de queixar-me á *Vossas mercês* e ao publico do abandono, em que se acha a estrada, **por onde costume transitar** com minha tropa. No tempo dos Presidentes, que eu ouvia chamar espumas, e arribados, e contra quem tanto se disse, e escreveo, achava se a estrada de Jundiahy á esta Cidade no melhor estado possível, e nunca esteve ella tão boa, como em 1838 e 1839 quando governava a Provincia um Presidente, que dizião seus opposicionistas, não curava do melhoramento da Provincia: hoje porem que não a go-verna um espuma ou arribado, mas sim um de seus adversarios chefe do partido chamado paulista, e á quem tantos elogios incessantemente fa-zem aquelles mesmos, que contra seus antecessores só tinham insultos, e injurias a dirigir, acha-se aquella estrada no mais deploravel estado; pon-tes cahidas, pantanos, caldeirões, é o que n'ella se observa; entretanto *Sua Excelência* o *Senhor* Presidente parece que nem ao menos sabe, que tal é o estado d'essa estrada, **por onde diariamente tantas tropas transitão!** De meado do anno passado pa-rra cá duas ou tres viagens tenho feito, e nada de concertos, e a estrada arruinando se cada vez mais, de maneira que está hoje quasi intrasitavel. (Carta ao jornal *A Phenix* do leitor "Um tropeiro paulista", 1841: Barbosa & Lopes Orgs.2006)

Os textos no século XX são mais diversificados em termos de tipologia, sobretudo pelo advento do gravador, possibilitando registros reais de língua falada. Além disso, especialmente a partir da segunda metade do século, as profissões se segmentam e se especializam (passam a existir publicitários responsáveis pelos anúncios e comerciais, revisores de texto, historiadores que dissertam cientificamente sobre um tema, e assim por diante). Não se pode esquecer também que os textos publicados em jornais e revistas passam pelo crivo do editor e da revisão, ao contrário do que se observa no XIX. A tabela 5 mostra os números de dados por tipo de texto, divididos em língua escrita e língua falada.

Tabela 5: Distribuição dos pontos do percurso por tipologia textual no século XX

		Inicial	Medial	Final	Ø	combinações	total
<i>Cartas de leitores de jornais / revistas</i>		0	4	6	2	1	13
<i>Anúncios de jornais</i>		2	1	3	1	0	7
<i>Cartas pessoais</i>		1	0	7	2	3	13
<i>Memórias</i>		2	4	5	0	13	24
total parcial		5	9	21	5	17	57
NURC	D2	2	1	12	4	0	19
	DID	0	0	13	11	0	23
	EF	0	0	1	1	0	2
<i>Filoband / Popular</i>		5	3	19	21	3	51
total parcial		7	4	45	37	3	96
total geral		12	13	66	42	20	153

Observa-se que o ponto final do percurso continua sendo o mais frequente no total geral de dados e em grande parte dos tipos de textos. Nos inquéritos orais de falantes semi ou não escolarizados (*Filoband / Popular em SP*) e de falantes cultos (*NURC – DID*), vê-se um certo equilíbrio entre a codificação do ponto final e da categoria vazia. O núcleo temático de cada um desses inquéritos é fixo e dá margem a repetições (dos mesmos verbos e expressões), ora expressando, ora omitindo o ponto do percurso. Exemplos:

- (47) *Inf* éh irmã dela e e um professor da faculdade aí de São::São Caetano do Sul...éh::ele dá aula::...no Serviço Social...e ele::nos convida de quase todo domingo a gente **vai**...eu **tenho ido**::bastante...prefiro **ir a teatro do que a cinema**...quando o filme não é bom né? (*NURC, DID, SP, 1974: Preti & Urbano 1988*)
- (48) *Inf*. tem o onibus qui **leva**...num passa aqui...pega lá imbaxu...na pedra grandi...é essi qui mai nói pricisava cumu eu falo pra elis...esse qui nóis pricisava que o ombe **viessa** pelo menu **té aqui**...i foi feito abaxu sinadu pra **vim até aqui**...mai: :: aí acertô aconteceu nu sei o que cu marido da muié...a muié **foi imhora nu vortô mai**...aí parô nu: :: **veio** cu onibus...**pricisava vim até aqui** é obrigação dele **vim**... a: :: tem uma netinha ali embaxo (a cida) fa/falô pa senhora...cuitadinha maGRInha piquiniNInha **sai** cedinho sem café qui nu toma café...batê até a hora da...da

comida cuitadinha ia **batê daqui lá andando...na pedra grandi...**isso nu é moleza...eu falei u prefeito faiz tantas coisa isso ele é obrigado a fazê uma coisa disso...paga mai uai...quem: :: pircisa andá no onibu paga mais um poquinho nu é nada mai...pagá mai não fazê judiera coitada da minina **vai** im jijum...que a coitadinha nu toma café...tadinha **vai** sem nada () até **chegá na seti vorta** istudá lá pa dispoi comê quarqué coisa nu é moleza (*Filoband, Inq.2*)

Dentre os textos escritos, as memórias continuam apresentando maior número de dados de deslocamento no espaço. Dos 24 casos, 13 são combinações dos pontos do percurso, superando a codificação do ponto final. Exemplo:

- (49) Existe também o Furado do Saboó, que é um pequeno esteiro que comunica os municípios da Conceição de Itanhaem e São Vicente com o de Santos, e **por ele são transportados os produtos agrícolas daqueles municípios para o mercado de Santos**. (*Reminiscências de Santos*, João Luís Promessa, 1930, ms.¹³)

Em (49), o deslocamento expresso pelo verbo *transportar* completa-se pelos pontos inicial (*daqueles municípios*), medial (*por ele [esteiro]*) e final (*para o mercado de Santos*). A respeito dessa memória em especial, vale ressaltar que foi escrita a partir de outros textos, como documentos manuscritos de épocas anteriores, memórias etc. Essa forma de escrever memórias talvez propicie o uso de expressões espaciais mais detalhadas. O distanciamento do local e dos fatos descritos pode ser um fator relevante nesse caso. Diferentemente das memórias do século XVIII, esta do XX tem como objetivo preservar a história da cidade de Santos, tendo sido aprovada por um eclesiástico. A sobreposição de tradições discursivas demonstra, no entanto, que a forma de descrever o espaço, estático e dinâmico, foi aqui mantida.

Quanto às cartas particulares, as do XX assemelham-se às século XIX no número de dados do ponto final. Porém, elas apresentaram menor quantidade de expressões de deslocamento, se levarmos em conta o número de páginas: as do XX são mais extensas que as do XIX, o que nos faria supor justamente o contrário.

¹³ A edição filológica desse texto foi elaborada por Cláudia Damiano Silveira, em sua tese de doutorado (2009, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo).

Os textos de jornal no XX diferem bastante do XIX no que diz respeito à extensão, linguagem e tarefa comunicativa. O pouco número de dados encontrados pode estar relacionado à tecnologia, ou seja, um anúncio ou comercial de hoje tem uma gama de recursos visuais que antes não havia, podendo aparecer, por exemplo, um mapa com a rota para se chegar à loja. Esse recurso pode ou não vir acompanhado de texto, mas em muitos casos apenas a figura já é suficiente.

As cartas de leitores nos jornais de hoje passam por edição e revisão, podendo muitas delas serem reduzidas (em relação ao original que chegou à mão do editor), diferentemente do que se vê nas cartas do XIX.

3. Discursivização do movimento

Na seção anterior, foram examinadas as propriedades semânticas das expressões espaciais de movimento no Português Paulista nos séculos XVIII a XX. Já ali aponte algumas caracterizações dos textos que serviram de base para a coleta de dados, sempre separando-os pela tipologia textual. Essa forma de lidar com dados de sincronias passadas baseia-se no modelo de Tradições Discursivas e nos trabalhos de Simões & Kewitz (2006b, 2009a,b,c), Simões (2007) e Kewitz (2007). Nesta seção, aprofundo um pouco mais essa questão.

Para cada um dos pontos examinados na seção anterior, selecionei determinados gêneros, cujos dados foram coletados não exaustivamente, mas por número de palavras por gênero e por metade de século. Apresento a seguir os *corpora* dos séculos XVIII a XX utilizados na pesquisa, com uma breve descrição:

Textos escritos:

Cartas: divididas em cartas oficiais, cartas de administração privada e cartas particulares (ou pessoais)¹⁴, cada tipo apresenta características textuais específicas em função dos objetivos que fizeram surgir o texto e do grau de intimidade entre os escritores. Algumas delas encontram-se em fase de seleção e edição (cartas pessoais do XVIII; cartas oficiais da 2ª metade do XIX e do XX).

¹⁴ Divisão proposta por Barbosa (1999 e 2005).

Memórias e Diários de Viagem¹⁵: esses tipos de texto revelam mudanças de tradição discursiva ao longo dos três séculos. Em cada época, observa-se um objetivo distinto. Embora as *memórias* tenham se tornado públicas através de sua impressão, até o final do século XIX, elas tinham em vista um leitor a quem a obra era oferecida. Os *diários de viagem* tinham por objetivo relatar os lugares por onde passavam os viajantes designados pela Côrte portuguesa, descrevendo a fauna, a flora, os povoados e todos os acontecimentos. Supõe-se que tanto as *memórias*, quanto os *diários* eram fruto de uma produção mais controlada e passível de revisões.

Cartas de leitores de jornais: aparecem no Brasil a partir do início do XIX; esse tipo de texto passa por modificações do XIX para o XX, em função da especialização das profissões (editores, revisores, jornalistas etc.), dentre outros fatores. São, em geral, cartas de reclamação dirigidas ao redator, cartas pessoais fictícias etc.. O tom emocional pode ser observado em todas estas cartas, o que afeta tanto a escolha do léxico, como as estratégias de argumentação.

Anúncios de jornais: da mesma forma que as cartas aos jornais, os anúncios passam por modificações do XIX ao XX, por exemplo, com o surgimento da profissão de publicitário e com os avanços tecnológicos (inclusão de imagens, cores, mapas etc.). Quanto à linguagem, os anúncios caracterizam-se por textos de composição heterogênea quanto à norma, mas é comum a todos um alto grau de nominalização das sentenças, típico do texto propagandístico. Eram geralmente ditados pelo anunciante ao tipógrafo do jornal, sem que passassem necessariamente por alterações ou revisões.

Textos orais:

NURC: são os inquéritos orais feitos no âmbito do Projeto de Norma Urbana Culta, na década de 70. Dividem-se em Diálogos entre 2 Informantes (D2), Diálogos entre Informante e Documentador (DID) e Elocuções Formais (EF).

Filoband e Português Popular em São Paulo: são inquéritos orais realizados por pesquisadores de dois projetos. O primeiro insere-se no Projeto Filologia Bandeirante, com o objetivo de resgatar arcaísmos em regiões rurais de SP, MG, GO etc. Selecionou-se aqui apenas os informantes paulistas. O segundo *corpus* são inquéritos realizados com informantes moradores de favelas paulistanas, muitos dos quais provêm de diversas regiões do nordeste brasilei-

¹⁵ Os dois gêneros foram considerados aqui juntos por formarem conjuntos de textos semelhantes e para que se pudesse fazer a comparação com os demais conjuntos de textos.

ro. Ambos têm como critério básico a baixa ou nenhuma escolaridade de seus informantes.

Embora os *corpora* não estejam distribuídos de forma equilibrada nos três séculos, como ressaltai na seção anterior, eles revelaram pistas interessantes a respeito da descrição espacial. Quanto maior a diversidade de gêneros textuais, mais precisa e rica poderá ser a análise, levando-se em conta sempre as particularidades e a história de cada texto. Em função disso, Simões & Kewitz (2006b, 2009a,b,c) propuseram algumas categorias para melhor orientar as análises de fenômenos linguísticos:

Quadro 1. Categorias comunicativo-pragmáticas da escrita adaptadas de Henne & Rehbock (1982) e Allwood (1976) *apud* Simões & Kewitz (2006b, 2009a,b,c)

(i) Grau de publicidade	particular
	semi-particular
	pública
(ii) Grau de simetria entre os escritores	ascendente
	horizontal
	descendente
(iii) Fixidez temática	sem fixidez
	núcleo temático fixo
	tema altamente fixo
(iv) Grau de planejamento do texto (registro / níveis de fala)	livre (popular-comum)
	semi-controlado (comum)
	altamente controlado (formal)
(v) Dimensões da ação comunicativa	comandar, ordenar, forçar
	acusar, repreender, recriminar
	atacar, desafiar
	requerer, pedir, implorar, solicitar
	narrar, informar, relatar, reportar
	obedecer, confirmar, aceitar, concordar, ceder
	protestar, refutar, negar, objetar, repudiar, recusar, opor-se
	aceitar, concordar, admitir, reconhecer
	agradecer

Nesta pesquisa, assumo a hipótese de que a ativação das expressões espaciais de movimento está intimamente relacionada à tarefa comunicativa,

ao núcleo temático, ao grau de planejamento de cada texto e ao grau de simetria entre os interlocutores.

Os resultados apresentados na tabela 1 da seção anterior permitem afirmar que os padrões de combinação MOVIMENTO + PERCURSO e MOVIMENTO + MODO perpassam todos os tipos de texto, embora com frequências distintas.

Cada gênero textual propicia o surgimento de expressões espaciais de movimento específicas, atrelado à tarefa comunicativa que fez gerar o texto. Os *diários de viagem*, por exemplo, apresentam grande quantidade de descrições estáticas e dinâmicas, uma vez que o autor, sobretudo no século XVIII, tinha a função oficial de relatar a um superior os fatos de sua viagem detalhadamente. Esse tipo de texto passa por renovações em sua tradição discursiva, como aponta Simões (2007: 202):

(...) a constituição dos gêneros textuais é fruto de adaptações e inovações de outros gêneros. (...) o *aviso* da tradição epistolar italiana dividiu-se em *notícia* e *romance epistolar*. Destes surgiram os *diários de navegação* ao final do século XV e a partir do XVI, dando conta aos monarcas dos novos descobrimentos. Na tradição portuguesa, das *cartas notícia* e dos *diários*, como é o caso da *Carta de Pero Vaz de Caminha* (1500) e do *Diário de Viagem de Pero Lopes* (1530), chegamos às *notícias práticas*, relatos escritos por bandeirantes e outros desbravadores, que registravam a progressão de suas viagens e seus feitos, numa mescla entre *carta* e *diário*. Paralelamente, à medida que se constituía uma nova identidade luso-brasileira, foi preciso registrar a diacronia dos fatos históricos que demarcavam eventos e feitos significativos da história do Brasil. Nesse momento surgem as *memórias históricas*, algumas ufanistas, (...) outras mais críticas (...).

As memórias encontradas na primeira metade do século XX, de certa forma, apresentam características semelhantes às do XIX. Mas esse gênero continuará a sofrer mudanças, até desaparecer completamente, do que diz respeito aos textos que o originaram. Mais adiante, o mesmo autor enfatiza:

(...) é bom lembrar que o gênero *memória histórica* passou por transformações (...). Em pleno século iluminista, elas cumpriam uma função política específica, caracterizando-se como gênero intermediário entre a carta e a narrativa histórica. Os artigos de historiadores do século XX, principalmente da 2ª. metade do século, têm maior caráter de divulgação científica, e procuram apagar as marcas de envolvimento emocional que as memórias da 1ª. metade do séc. XIX ainda traziam, ao narrar como os índios continuavam *vivendo sojeitos as Aldeas, sofrendo inSolencias contrarias á liberdade doHomem*. O que se quer dizer aqui, é que não é somente a grandeza gênero textual que define o uso e sim a suas especificidades inerentes, uma vez que os gêneros textuais podem ser portadores de diversas tradições discursivas. (op. cit., p. 294)

As memórias da primeira metade do XX (Washington Luiz, 1918 e João Luís Promessa, 1930) selecionadas para a presente pesquisa, comprovam o que Simões aponta, tanto quanto o texto da segunda metade desse século.

A tabela 3 abaixo mostra os resultados em relação aos pontos do percurso presentes nos diários de viagem e memórias históricas em cada século¹⁶:

Tabela 6: Distribuição dos pontos do percurso nas memórias por século

	Inicial	Medial	Final	Ø	combinações	total
XVIII	10	11	22	11	14	68
XIX	3	7	6	0	10	26
XX	2	4	5	0	13	24
total	15	22	33	11	27	118

Vê-se, pelo total para cada século, que há um declínio no número de ocorrências das expressões que descrevem os pontos do percurso do XVIII aos demais séculos. Isso comprova as afirmações de Simões (2007) a respeito da mudança de tradição discursiva desses gêneros.

As cartas dos três séculos, em geral, apresentam menos descrições espaciais, em parte devido à tarefa comunicativa e ao grau de simetria entre remetente e destinatário. Pelo total de dados apresentados na tabela 1, observa-se menor número de dados nas cartas que nas memórias dos séculos XVIII e XIX. Já nos dados do XX, vê-se certo equilíbrio entre os dois gêneros (27 para as memórias e 22 para as cartas). Isso não quer dizer necessariamente que houve mudança linguística, mas talvez apenas mudança nos textos.

O conjunto de cartas intitulado *Aldeamentos de Índios* (XVIII-XIX) merece algumas considerações, pelas narrativas que dão margem ao aparecimento de descrições espaciais de movimento ali presentes. Esse conjunto de cartas apresenta grau semiparticular de publicidade e normalmente revelam uma assimetria de grau ascendente entre remetente e destinatário. A fixidez temática em torno do cotidiano das aldeias é um dos aspectos que torna homogêneo o conjunto desses documentos. À uniformidade na produção e à assimetria entre interlocutores, alia-se a gama de tarefas comunicativas desempenhadas pelos religiosos por meio delas. Muitos destes documentos são relatos recriminatórios, ora pelo comportamento dos índios, ora pela precária situação

¹⁶ Esse resultados foram obtidos a partir da análise dos pontos do percurso em dados coletados em 1000 palavras, em média, por tipo de texto e por cada metade de século.

em que se encontram as aldeias e de como são tratados pelos aldeados. Em consequência disso, além da crítica, dos protestos e do relato dos acontecimentos, as mesmas cartas trazem em seu bojo o pedido de intervenção das autoridades superiores. As dimensões da ação comunicativa mais frequentes nessas cartas são: *acusar, recriminar; requerer, solicitar; narrar, relatar, informar; obedecer, confirmar, aceitar; protestar, negar, recusar, refutar*. Dentre essas dimensões, é na tradição discursiva da narrativa que se observa a descrição do deslocamento no espaço físico. Vejamos um exemplo¹⁷:

- (50) Excellentissimo *Senhor* Representa a *Vossa* Excellencia o *Seo* humilde Subprior da Aldeia de *Nossa Senhora* da Escada Frei Callisto de *Santa* Elena o grande disturbio em *que* se acha adita aldeia motivado dos *filhos* do Tenente Coronel Sebastião de *Siqueira*, Sendo a *Cauza*, deter admoestado ao *dito* Tenente puse-se cobro nos *Seos* *filhos* e escravos por Serem estes perturbadores das Almas da *dita* aldeia, vindo a ella de noute ededia; **efazendo as Indias hirem a Sua fazenda**, como mediceraõ duas, **que as achey de noute fora hindo correr adita Aldeia com o Capitam della, mais outro Indio**. Vendo pois os *ditos* moços queixavame Eu destes disturbios, enaõ Menos apartava as Indias na doutrina sobre a mesma materia, **tendo hido odito Seo Pay para a Villa** cóme saraõ a endusir aos Indios, e Indias *para* menaõ obedecerem; de Sorte *que* nem quem mecozin=ha se quiseraõ tive se, **enem hu' Indio que tinha vindo defora, e Recolhido á cozinha** athê e se momandaraõ indusir pello *Cappitam*, emepuseraõ de Somana sem ter *quem* medê nada, esperando por algu' pa Sageiro *para* medar alguã agoa elenha. [espaço] Com estas desatençoens', edescortesias estou aquy por não dar a minima molestia ao Tenente. Sendo *que* não sey deixaria alguã couza *dita* aos *Seos* *filhos* porlheter ad=vertido, o *que* a ssiima digo. [espaço] Nestes termos posto o *que* fas admirar atodos, **tenho feito tenção feichar a Igreja, emehir para o meo Convento**; porem como obediente Subdito não o quero fazer Sem dar parte a *Vossa* Excellencia. [espaço] As Minhas Culpas saõ o querer fazer a minha obrigaçáo attendendo *para* o Serviço de Deos, ede Sua Magestade, *que* Deos guarde No zello que tenho da aldeia, e Culto Divino, naõ digo nada; porque tudo deixo ao exame de *Vossa* Excellencia. [espaço] Igual odo administrador, preguntese atodos, e ainda aos mesmos Indios. [espaço] **Dia da Ascençaõ de Chri[st]o [dilacerado] estando de tarde na Igreja em cómendandome a Deos, que Sabe Deos quem**

¹⁷ Aqui foram retiradas as notas constantes na edição semi-diplomática (Simões & Kewitz 2006a); o alinhamento foi desfeito para simplificar a leitura e por economia de espaço.

Seemcómenda, vy ao *Padre* *Companheiro* comvozes alteradas naporta da *Caza*, aoque acodindo pregunteilhe oque tinha ou oque hera Socedido ? DiSseme odito *Padre*, *Padre* Subprior, vamonos embora feichemos aporta pois aquy nosnaó querem; Etorrandolhe apreguntar acauza ? MediSse, agora mediSse hua *India*, que o *Capitam* da aldeia tinhá ordem do *Senbor* Joseph para vegiar as *Indias*, que entraSsem dentro desta Casa a levar alguâ couza, compena de Serem a *Soutadas*, / Sendo que athê agora, meo *Senbor*, Sempre foi uzo, ehê em[tod]as as Aldeias /. Acómodei ao *Padre* dizendo: tiveSse paciencia athê avisar aVossa Exce-lencia; eComo acolera do *Padre* ainda estava alterada, cómeSsou agritar contra o *Cappitam* e achamarlhe alguns' nomes, que hê odezafogo, que podemos ter, por nesta aldeia nem tronco, nem prizaó hav[er] eSer oque mais metem des obedecido semfazer cazo algum doque lhedezia acerca da Aldeia . Neste cómenos appareceo elle dito *Capitam* comdous paos delenha por d[es]farce, ecom huá faca deponta boa na mão pi<o>s jun to do*Padre* oque vendo Eu griteilhe eo*Padre* entrou aSella [a]buscar hu' faconete sem ponta, como setem visto para Sedefender; eapegando tambem no*Padre*, naõ para que imaginaSse Eu offend[e]ria ao Indio como se colhe daboia Rezaõ, Senaó para que naó chegaSse o Indio aofendello; ainda contudo isto, Seavançou ahu pao dehu' paSageiro dizendo hera para Sedefender. [espaço] Vendo elle isto, eoque lhediSse havia dar Cont[a] aVossa Excellencia, pois já metinha entrado em caza com amesmafaca entre hu' gibaõ, tendo mandado apegar emhuá *India* para [ac]astig[a]r, efoi visto do *Companheiro*, Eeu pello vi[sto] achei Ser arma defez[a] vestido, eCom agineta na[m]aõ, pReguntandolhe oque queria, foise sahindo; Ecomo detudo isto contando ao Tenente Coronel para o C[a]stigar, fes taó pouco Cazo, que imaginando Eu inquiriSse o Cazo, oque lhefez fo[y]

[p. 2] Dizerme naó ser posivel; tendo experiencia delle ser taó dezatento que nesta Aldeia diante do vezitador da *Companhia*, eoSubprior da Aldeia de Saõ Joseph atirou a hu' homem, que por lhenã apegar fogo aespingarda, o naó matou; Eagora a[p]ar[s]eo com ella para Seconhecer averdade detudo. [espaço] ASsim que logo Sepos asalvo hindo queixarse aVossa Excellencia antes que Eu ofizeSse . [espaço] Esta, Meo *Senbor* excellentiSsimo Conde hê aSumma verdade; eSepode Vossa Excellencia informar doque digo, tendo em Saõ Paulo o *Padre* Domingos Machado, que entãõ hera Subprior e na occaziaõ oqueria o *Padre* Vezitador mandar castigar, epr[e]nder, naõ obstante naõ

Ser Indio dosSeos, pello atrevimento que entaõ uzou. [espaço] Demim, edoque Relato Socedido não digo mande *Vossa* Excellencia Saber, porque ninguem vio, eSó Eu *que* me achara na occaziaõ com o*Padre* Mas entenda *Vossa* Excellencia hê amesma verdade. [espaço] Epara meo abono basta dizerem todos o*que* Saõ estes Indios, eeste principalmente. [espaço] Edaquy podemos fielmente crer, *que* tendo esta Al=deia hu' Cappellaõ por nome Salvador Correa, detal Sorte ocorreraõ, *que* vendo Deos asdezatençoens *que* lhefizeraõ detal Sorte os castigou, *que* cómeSsaraõ amorrer daly por diante Sem confiaõ tantos, *que* Se acabou adizã Aldeia: Eestes *que* aquy estao, Saõ vindo denovo. Isto dizem os moradores; [espaço] Eelles dizem agora, como diSse hu' morador ouvira dizer ahu', *que* não queriaõ aquy Religiosos. [espaço] Isto hê o*que* querem para viverem como Gentio. [espaço] Eu não espero Senaó aordem de *Vossa* Excellencia, aquem veneroComo peSsoa deSua Magestade, eCatholico, *que* alias já metinha posto acaminho ; Enaõ Sem pouca cauza, pois não Só do*que* aquy ex perimentamos, Senaó ainda Sem nosdarem decomer, enem quererem fazer nada; *que* SepaSsamos hê com bem median[i]a pellos vezinhos noLodarem por Respeito de MiSsa, eConfiaõ, eestarem 6 Legoas dasFreiguezias. [espaço] Não Semeofferece mais, *que* ficar as ordens de *Vossa* Excellencia, epor entanto pedir aDeos pRospere huá Saude perfeita para *que* chegue aver a*Senhora* Condesa com aquelles jubilos, que *Vossa* Excellencia de*zeja*. De*os*guarde a*Vossa* Excellencia etc. Aldeinha 12 de Maio de1736

De*Vossa*ExcellenciaExcellentiSsimo
Senhor Conde dasGalveasHumilde
 Subdito eServo *mu*ito obediente
 Frei Callisto de*Santa* Elena

Esta carta é bastante representativa do que argumentei acima: além das fórmulas de início e fechamento, inerentes a esse tipo de carta e pela assimetria entre remente e destinatário, vemos um longo trecho (destacado em negrito na carta) em que o frei narra em detalhes o episódio ocorrido na aldeia, até mesmo para justificar para seu superior sua decisão de fechar a aldeia. Contextos como esses dão margem ao surgimento de expressões espaciais de movimento das formas mais diversas e com maior riqueza de detalhes.

Resultados quantitativos como os apresentados neste trabalho devem ser analisados de forma parcial, uma vez que a mudança de um gênero ou tradição discursiva não implica que haja mudança linguística, como bem observa Jacob (2001: 154) a respeito da representatividade dos textos antigos:

*quando uma forma lingüística simplesmente não aparece no corpus porque os textos não dão margem ao seu uso, seja pela sua orientação temática, seja pela variedade lingüística representada nesse texto*¹⁸ não quer dizer que ela tenha desaparecido. Para comprovar essa afirmação, concluo com a tabela 7 abaixo¹⁹:

Tabela 7: Distribuição dos dados de movimento por tipologia textual e século

		Memórias	Cartas	total geral	
XVIII	1.ª metade	74	31	105	226 /
	2.ª metade	88	33	121	62,25%
XIX	1.ª metade	16	17	33	88 /
	2.ª metade	41	14	55	24,25%
XX	1.ª metade	10	9	19	49 /
	2.ª metade	17	13	30	13,5%
total parcial		246 / 68%	117 / 32%	363	

O percentual presente no total geral demonstra acima de tudo, uma mudança de tradições discursivas, tanto nas memórias, quanto nas cartas, o que confirma a citação de Jacob (2001) acima. Uma vez que mudaram todas as categorias arroladas por Simões & Kewitz (2006b) ao longo desses três séculos, não se pode afirmar que houve mudança lingüística, mas sim mudança dos objetivos comunicativos dos gêneros, da simetria entre escritores etc.

Considerações Finais

Neste trabalho, procurei analisar as expressões espaciais de movimento em *corpora* do Português Paulista nos séculos XVIII a XX.

Vimos que o português apresenta diversos padrões de combinação de propriedades semânticas no verbo e nas preposições, ainda que o resultado

¹⁸ Minha tradução.

¹⁹ Os dados desta tabela são os mesmos daqueles quantificados na tabela 1, item 2 deste artigo.

quantitativo tenha apontado para maior frequência do padrão MOVIMENTO + PERCURSO. Mas não levar em conta a ocorrência das demais combinações significaria negar a criatividade e a complexidade linguísticas da mente humana.

Do ponto de vista diacrônico, é preciso atentar para as propriedades discursivas dos textos, isto é, as categorias a eles inerentes quanto a sua produção, seu entorno sócio-histórico. Esse cuidado se faz necessário quando se lida com gêneros diversos em períodos distintos. A dificuldade em interpretar dados diacrônicos está atrelada à nossa interpretação e avaliação de leitores contemporâneos. Além disso, as expressões espaciais podem representar cenas distintas dependendo de onde e quando foram ativadas.

Essa pesquisa demonstra que mais perguntas poderão surgir a respeito da organização e representação espacial no português, até que se consiga chegar a conclusões mais precisas sobre as mudanças no Português Paulista.

Bibliografia

- ALMEIDA, Francisco José de Lacerda e. 1944 [1780]. *Diários de Viagem*. Nota-prefácio de Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- BARBOSA, Afrânio Gonçalves. 2005. Tratamento dos corpora de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil. Em Lopes, C.R.S. (org.) *A Norma Brasileira em Construção. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro, UFRJ / Faperj.
- _____. 1999. *Para uma história do português colonial: aspectos linguísticos em cartas de comércio*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, inédita.
- BARBOSA, Afrânio & LOPES, Célia. 2006 orgs. *Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do século XIX: cartas de leitores*. Rio de Janeiro, UFRJ/Faperj.
- BATORÉO, Hanna J. 2008. Cognitive and lexical characteristics of motion in liquid medium: *AQUA-motion* verbs in typologically different languages. In *Psychology of Language and Communication*. Vol. 12, Nr.2. Disponível em <http://versita.metapress.com/content/9kt1155655779372/fulltext.pdf>. Acesso em 04.05.2009.
- _____. 2006. Expressão do movimento em água (AQUA-motion) no português europeu: contribuição para tipologia lexical. In *Linguística*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 167-277.
- _____. 1998. Language Typology and Semantic Primitive of Space: evidence from European Portuguese. In Vilela, M. & Silva, F. (orgs.) *Actas do 1.º Encontro Internacional de Linguística Cognitiva*. Porto.
- BLANK, Andreas. 1999. Why do new meanings occur? A cognitive typology of the motivations for lexical semantic change. In Blank, A. & Koch, P. (eds.) *Historical Semantics and Cognition*. Cognitive Linguistics Research 13. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- CASTILHO, Ataliba T. de. 2010. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo, Ed. Contexto.
- _____. 2007. Abordagem da língua como um sistema complexo: contribuições para uma nova Linguística Histórica. In A.T. de Castilho, M. A. C. Torres Morais, R.E.V. Lopes &

S.M.L. Cyrino (Eds.). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. Campinas: Pontes / Fapesp, pp. 329-360.

_____. 2005. Diacronia dos adjuntos adverbiais preposicionados no português brasileiro. In Massini-Cagliari et al. (orgs.) *Estudos de Linguística Histórica do Português*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/Unesp, S.Paulo: Cultura Acadêmica Editora. Série Trilhas Linguísticas, nº 7.

_____. 2004. Diacronia das preposições do eixo transversal no Português Brasileiro. Em: Lígia Negri et alii (Org. 2004). *Sentido e Significação. Em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, pp. 11-47.

CASTILHO, Ataliba T. de et alii. 2002. Gramaticalização de algumas preposições no Português Brasileiro do século XIX. Ouro Preto, V Seminário do Projeto Para a História do Português Brasileiro.

CASTILHO, Ataliba T. de & PRETI, Dino. 1987, orgs. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. Vol. II - Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP.

CASTILHO, Ataliba T. de & PRETI, Dino. 1986 orgs. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo* Vol. I – EF – Elocuções formais. São Paulo: T. A. Queiroz.

CASTILHO DA COSTA, Alessandra (em preparação) Tradições discursivas em cartas de leitores de *A Província de S. Paulo* e do *Correio Paulistano* (de 1854 a 1901). Texto apresentado no I Congresso Internacional de Linguística Histórica, homenagem a Rosa Virgínia Mattos e Silva, Salvador, julho de 2009.

CIFUENTES FÉREZ, Paula. 2008. *Motion in English and Spanish: A Perspective from Cognitive Linguistics, Typology and Psycholinguistics*. PhD. Dissertation, Murcia University. Disponível em <http://www.tesisenred.net>. Acesso em 25.07.2009.

DIRVEN, René & PÜTZ, Martin. 1996. *The Construal of Space in Language and Thought*. Cognitive Linguistics Research 8. Berlin, New York, Mouton de Gruyter.

ÉRNICA, Maurício. 2004. Uma metrópole multicultural na terra paulista. Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. *Terra paulista: história, arte e costumes / coordenação de Maria Alice Setubal [et al.]*. São Paulo: CENPEC: Imprensa Oficial.

EVANS, Vivian. & TYLER, Andrea. 2004. Rethinking English 'Prepositions of Movement'. The Case of *To* and *Through*. In H. Cuyckens, W. de Mulder & T. Mortelmans (Eds.), *Belgium Journal of Linguistics*, 18 Amsterdam: John Benjamins, 2004. Disponível em <http://www9.georgetown.edu/faculty/tyleran/Rethinking%20English%20prepositions%20of%20movement.pdf> - Acesso em 09.10.2008.

GARCÍA-MIGUEL, José M. 2006. Los complementos locativos. In Company Company (org.) *Sintaxis histórica de la lengua española. Primera parte: La frase verbal*. Vol. 2. México, UNAM.

GUEDES, Marymárcia & BERLINCK, Rosane (2000, orgs.) *E os preços eram commodos... Anúncios de jornais brasileiros, século XIX*. São Paulo, Humanitas / FFLCH /USP. Série Diachronica, vol. 2.

IBARREXTE-ANTUÑANO, Blanca Iraide. 2008. Path salience in motion events. In Guo et al. (eds.) *Crosslinguistic Approaches to the Study of Language. Research in the tradition of Dan Isaac Slobin*. London and New York: Psychology Press, 403-414.

_____. 2004. Dicotomías frente a continuos en la lexicalización de los eventos del movimiento. *Revista española de lingüística* 34.2, 481-510.

ILARI, Rodolfo, CASTILHO, Ataliba T. de, ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão, BASSO, Renato & KLEPPA, Lou-Ann. 2008. A Preposição. In Neves, M.H.M. & Ilari, R (Orgs.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Vol. II. Campinas, Ed. da Unicamp.

JACOB, Daniel. 2001. ¿Representatividad lingüística o autonomía pragmática del texto antiguo? El ejemplo del pasado compuesto. In Jabob & Kabatek (eds.) *Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica. Descripción gramatical – pragmática histórica – metodología*. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana.

KEWITZ, Verena. 2010. Double Path: a typology of Brazilian Portuguese. In SILVA, Augusto Soares da et al. (2010 orgs.) *Comunicação, Cognição e Média*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia Universidade Católica Portuguesa Vol. 2.

_____. 2009. A noção de deslocamento no Português Paulista: uma abordagem cognitiva. In Hora, Dermeval da (org.) *Anais do VI Congresso Internacional da Abralín*. João Pessoa. CD-ROM.

_____. 2007. *Gramaticalização e semanticização das preposições a e para no Português Brasileiro (Séculos XIX e XX)*. São Paulo, FFLCH/USP, Tese de Doutorado, inédita.

LUÍS, Washington. 1980 [1918]. *Na capitania de S. Vicente* (1918). São Paulo: Editora Itatiaia / Editora da Universidade de São Paulo.

MORAES, Rubens B. de. 1979. *Lembrança de Mário de Andrade: 7 cartas*. São Paulo, Digital Gráfica.

Notícia - 1ª Prática - Que a da ao P. Me de Diogo Soares o Alferes José Peixoto da Silva Braga, do que passou na Primeira Bandeira, que entrou ao descobrimento das Minas do Guayases até sair na Cidade do Belém do Grão-Pará - 1737. Coleção Notícias Práticas: I. Biblioteca Virtual / Laboratório de Pesquisa em História Social / IFCS / UFRJ. Biblio Virt-LIPHIS, 2001.

Notícia - 2ª Prática - Dada ao P. M. Diogo Soares sobre a abertura do novo caminho pelo Piloto José Inácio, que foi e acompanhou em todo ele ao mesmo Sargento-mor Francisco de Souza e Faria. - 1727. Coleção Notícias Práticas: III. Biblioteca Virtual / Laboratório de Pesquisa em História Social / IFCS / UFRJ. Biblio Virt-LIPHIS, 2002, http://paginas.terra.com.br/arte/liphis/NoticiaPratica_Jose_Inacio.pdf, acesso em 09.12.2006.

PIRES, Angelina. 2007. “Como peixe na água!” Contribuição para a tipologia lexical dos verbos de movimento em água (Aqua-motion) do tipo FLUTUAR. Disponível em www.clul.ul.pt/artigos/pires_angelina.pdf – Acesso em 04.05.2009.

PONTES, Eunice. 1992. *Tempo e espaço na Língua Portuguesa*. Ed. Pontes, Campinas.

PRETI, Dino e URBANO, Hudinilson. Orgs. 1989. *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. Materiais para seu estudo. São Paulo: TAQ/Fapesp, vol. III, Diálogos entre o Informante e o Documentador.

SALOMÃO, Margarida. 2006. Teorias da linguagem: a perspectiva sociocognitivista. Ms.

SAMPAIO, Wany, SINHA, Chris & SILVA SINHA, Vera da Silva. 2009. Mixing and mapping: motion, path and manner in Amondawa. In: J. Guo, E., Lieven, N. Budwig, S. Ervin-Tripp, K. Nakamura, & a. ÖzÉ •li•kan (eds.), *Crosslinguistic Approaches to the Study of Language. Research in the Tradition of Dan Isaac Slobin*. London and New York: Psychology Press, 649-667.

SILVEIRA, Cláudia Damião L. de A. 2009. *Edição do manuscrito Reminiscências de Santos, do século XX: estudo comparativo das ocorrências dos pronomes demonstrativos desse corpus com ocorrências dos séculos XVII, XVIII e XIX*. Tese de Doutorado, São Paulo, FFLCH/USP.

SILVEIRA, Cláudia Damião L. de A. & KEWITZ, Verena. 1999. *Reminiscências de Santos*. Edição de um manuscrito de João Promessa do século XX. Inédito, Ms.

- SIMÕES, José da Silva 2007. *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro*. São Paulo, FFLCH/USP. Tese de doutoramento, inédita, 2 volumes.
- SIMÕES, José da Silva & KEWITZ, Verena. 2009a. Normas linguísticas, história social, contatos linguísticos e tradições discursivas: transformando encruzilhadas em novos caminhos para a constituição de *corpora* diacrônicos. In Castilho, A.T. de (org.) *História do Português Paulista*. Vol. I, Série Estudos. Campinas, Publicações/IEL, FAPESP.
- _____. 2009b. A constituição de *corpora* diacrônicos do português brasileiro e seus traços linguístico-discursivos. In Gärtner, E. & Schönberger, A. (Eds.) *Estudos sobre o Português Brasileiro*. Frankfurt am Main: Valentia.
- _____. 2009c. Tradições Discursivas e organização de *corpora*. In Aguilera, V. (org.) *Para a História do Português Brasileiro*. Vol. VII: *Vozes, Veredas, Voragens*. Tomo II. Londrina, Edel.
- _____. 2006a. *Cartas Paulistas dos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Ed. Humanitas, publicação em CD-ROM.
- _____. 2006b. Traços linguístico-discursivos em *corpora* do Português Brasileiro. *Estudos Linguísticos XXXV*. São Carlos, UFSCar. Disponível em www.gel.org.br.
- SLOBIN, Dan. 2006. What makes manner of motion salient? In M. Hickmann & S. Robert (Eds.), *Space in languages: Linguistic systems and cognitive categories*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 59-82.
- _____. 2004. The many ways to search for a frog: Linguistic typology and the expression of motion events. In S. Strömquist & L. Verhoeven (Eds.), *Relating events in narrative: Typological and contextual perspectives in Translation*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 219-257.
- _____. 1996. Two Ways to Travel: Verbs of Motion in English and Spanish. In Thompson, S. & Shibatani, M. (Eds.) *Grammatical Constructions: Their Form and Meaning*. Oxford: Clarendon Press.
- STEFANOWITCH, Anatol & ROHDE, Ada. 2004 The goal bias in the encoding of motion events. In Radden/ Panther (eds.) *Studies in Linguistic Motivation*. Cognitive Linguistics 28. Berlin/ New York, Mouton de Gruyter, p. 249-267.
- TALMY, Leonard. 2005. Attention Phenomena. In Geeraerts, D. & Cuyckens, H. (eds.) *Handbook of Linguistics*. Oxford University Press. Disponível em <http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/talmy/talmyweb/recent/attention.pdf> - Acesso 15.03.2008.
- _____. 2000a. *Toward a Cognitive Semantics. Vol. I: Concept Structuring Systems*. Cambridge, Massachusetts, MIT Press.
- _____. 2000b. *Toward a Cognitive Semantics. Vol. II: Typology and Process in Concepts Structuring*. Cambridge, Massachusetts, MIT Press.
- TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle Taunay, Visconde de (s/d). *A retirada da Laguna – episódio da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Ediouro. (Prestígio). Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>, acesso em 25.01.2007.
- TEIXEIRA, José. 1998. Modelos cognitivos e orientação intrínseca dos objetos. In Vilela, M. & Silva, F. (orgs.) *Actas do 1.º Encontro Internacional de Linguística Cognitiva*. Porto.
- WENZ, Karin. 1996. Iconicity in verbal descriptions of space. In Dirven, René/ Pütz, Martin (eds.) *The Construal of Space in Language and Thought. Cognitive Linguistics Research 8*. Berlin, New York, Mouton de Gruyter.

ZEQUINI, Anicleide. 2004. A fundação de São Paulo e os primeiros paulistas: indígenas, europeus e mamelucos. Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. *Terra paulista : história, arte e costumes* / coordenação de Maria Alice Setubal [et al.]. São Paulo: CENPEC: Imprensa Oficial.

ZLATEV, Jordan & YANGKLANG, Peerapat. 2004. A third way to travel: The place of Thai and serial verb languages in motion event typology. In S. Stromqvist & L. Verhoeven (Eds.), *Relating events in narrative: Typological and contextual perspectives*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, pp.159-190.